

Johnny Torres/Arquivo

**Hipólito  
Martins Filho  
escreve sobre  
insegurança  
alimentar**



**PÁG. 12A**

## Conjuntura



Hipólito Martins Filho  
hipolitoeconomista0902@gmail.com

# Celeiro do mundo!

É dramática a situação de insegurança alimentar e da fome no Brasil, que vem desde a época colonial, ora mais forte, ora mais branda, mas que vem se agravando nos últimos anos. O que explica o fato que, de cada dez famílias brasileiras, seis viverem em situação de insegurança alimentar.

É vergonhoso alimentar-mos quase um bilhão de pessoas no mundo e termos mais da metade da nossa população em insegurança alimentar ou passando fome todos os dias. Somos o celeiro do mundo, e daí? Só os números da balança comercial, apesar de serem importantes, não justificam. Estamos voltando ao nível de 30 anos atrás em relação à fome. Será que algum maluco acha que haverá paz no seu bairro ou em sua cidade com tanta desigualdade? Nos dois últimos anos houve uma perda do poder aquisitivo em torno de 20%. A tradução desse número significa fome.

Alguém acha que isto vai acabar bem? Portanto ignore o candidato que não tiver em seus projetos políticos soluções para acabar ou minimizar a questão da fome. A renda está concentrando de forma rápida e perigosa na mão de poucos. Nos últimos anos estamos enfrentando o aumento da inflação, já somos o quarto país com maior inflação do mundo, crise econômica e uma conjuntura externa pouco favorável, pandemia, guerra, mas isso não se explica em seu todo esta explosão da fome que está se alastrando por todo o País.

A fome e a insegurança alimentar trazem consequências para toda a sociedade, tanto na saúde, aumento da violência, no trabalho, na produtividade

e no desempenho escolar.

Dados coletados pelo Gallup World Poll pelo pesquisador Marcelo Neri, da FGV Social, mostram que o problema é grave no Brasil, ele antecede a pandemia. Durante a pandemia, a insegurança alimentar no Brasil subiu 4,48 pontos percentuais a mais do que no resto do mundo.

O estudo mostra que em 2014 o Brasil saiu oficialmente do Mapa da Fome, mas entre 2013 2018 as famílias em insegurança familiar aumentaram 62,3%. Já em 2021, passamos a ter piores níveis do que a média global, como mostra a série histórica iniciada em 2006. Se considerarmos todos os fatores, em 7 anos a fome no Brasil dobrou. Os números apontam que a insegurança

alimentar está mais concentrada em indivíduos de meia idade, mulheres e pobres, que moram em domicílios com maior número de crianças.

As crianças pagam um preço maior pela fome, a subnutrição deixa sequelas físicas e mentais para toda a vida. É um problema humanitário, mas também tem um cunho socioeconômico muito forte.

Não falta comida no Brasil. Faltam emprego, renda, programas sociais eficientes, solidariedade, um programa de renda mínima e governo. O Auxílio Brasil, apesar de sua importância, não chega às classes sociais mais necessitadas. Outro agravante mostrado pelo estudo é o acesso regular a água para beber e cozinhar, cujo nome é insegu-

rança hídrica, que é também um problema para 12% da população brasileira.

É angustiante saber que 16 milhões de pessoas (8,2% da população) relataram "sensação de vergonha, tristeza e constrangimento" por terem sido obrigados a usar meios "social e humanamente inaceitáveis para obtenção de alimentos".

A pesquisa mostra que até o ano passado, um salário mínimo era suficiente para que a pessoa não entrasse em situação de fome; isto mudou, o valor da cesta básica já custa quase o valor desse salário. Dá para resolver a situação, apesar do desafio. precisamos reestruturar as políticas de governo de combate à fome, valorizar o salário mínimo, diminuir o custo da cesta básica. Tudo isso só será possível com a participação efetiva do governo, sociedade civil e empresas e a volta do crescimento econômico.